

CARTILHA COMEMORATIVA • 1991 • 2026

SEMEAR E PERMANECER

TRINTA E CINCO ANOS DE
AGROECOLOGIA
NO VALE DO GUAPORÉ



CENTRO DE
TECNOLOGIA
ALTERNATIVA - CTA
VALE DO GUAPORÉ - MT



CTA · CENTRO DE TECNOLOGIA ALTERNATIVA DO VALE DO GUAPORÉ · MT



Trinta e cinco anos de trabalho com agricultoras e agricultores familiares, povos indígenas, quilombolas, extrativistas, pescadoras e pescadores, no sudoeste de Mato Grosso.

REDAÇÃO

João Ivo Puhl, historiador e sócio-fundador da associação. Autor de *Transição agroecológica no sudoeste de Mato Grosso nos 35 anos de ação do CTA* (2026), o estudo que é a espinha dorsal desta cartilha.

Miriã Peres Spindulas, pesquisadora do PPGEdu/UNEMAT. Coautora de *Materiais formativos problematizadores do CTA* e de *Comercialização solidária*, base dos capítulos de educação popular e comercialização.

ORGANIZAÇÃO, PESQUISA DOCUMENTAL E EDIÇÃO

Setor de Comunicação do CTA (Gabriel Spindulas Ferreira), com o acervo de fotos e documentos, o Estatuto de 1992 e os relatórios de campo. Colaboração de Vilmon Alves Ferreira, da Diretoria do CTA, na memória de dados e informações da parte histórica.

COMO CITAR ESTA PUBLICAÇÃO

CENTRO DE TECNOLOGIA ALTERNATIVA DO VALE DO GUAPORÉ. *Semear e Permanecer: 35 anos do CTA, 1991 a 2026*. Redação de João Ivo Puhl e Miriã Peres Spindulas. Pontes e Lacerda: CTA, 2026.

SEDE

BR-174b, Km 05, Comunidade do Cataco, zona rural de Pontes e Lacerda, Mato Grosso.

ÍNDICE

ANTES DE COMEÇAR

Siglas usadas nesta cartilha	4
Uma história que começa na terra	5
Por que guardar esta história	6
Trinta e cinco anos em quatro tempos	7
O trabalho em números	8
Onde o trabalho acontece	9

OS CAPÍTULOS

01 As origens o vale, a crise e a decisão de ficar	10
02 Educação popular o papel que ensinou a organizar	14
03 O que nos move a missão e os compromissos	15
04 O jeito CTA de trabalhar agroflorestas, quintais, mulheres, abelhas	17
05 Comida de verdade a Rota, as organizações, o ENAFES e a Coopervales	21
06 Povos e territórios quem vive e produz nos três biomas	27
07 Os povos originários Chiquitanos e Nambikwara	28
08 Projetos em campo Semeando, Reflorestar e Terra Nutre	33
09 As novas gerações a escola no centro de formação	36
10 Consciência agroecológica cuidar hoje para ter amanhã	37
11 Quem vai continuar a juventude e o futuro da roça	38
12 Vozes dos 35 anos quem construiu esta história	40
13 Muitas mãos quem caminhou junto e quem bancou	42

PARA FECHAR

Em memória	44
O que vem pela frente	45
Fontes	46
Ficha técnica	47

SIGLAS USADAS NESTA CARTILHA

APAE Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

ASCCMT Associação de Solidariedade às Comunidades Carentes de Mato Grosso

ATER Assistência Técnica e Extensão Rural

BNDES Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CEDRS Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável

CONAB Companhia Nacional de Abastecimento

CONDRAF Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário

CPT Comissão Pastoral da Terra

CTA Centro de Tecnologia Alternativa do Vale do Guaporé

Empaer Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural

ENAFES Escritório de negócios da agricultura familiar criado pelo CTA

FASE Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional

FNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FORMAD Fórum Mato-grossense de Meio Ambiente e Desenvolvimento

FUNBIO Fundo Brasileiro para a Biodiversidade

GIAS Grupo de Intercâmbio em Agroecologia

ICV Instituto Centro de Vida

Incra Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

Indea Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso

ISA Instituto Socioambiental

MDA Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar

MDS Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome

MMA Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima

MUL Movimento de União dos Lavradores do Vale do Guaporé

PAA Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE Programa Nacional de Alimentação Escolar

PPGEdu Programa de Pós-Graduação em Educação da UNEMAT

REM MT Programa REDD para Pioneiros em Mato Grosso

SAF Sistema agroflorestal

UFMT Universidade Federal de Mato Grosso

UNEMAT Universidade do Estado de Mato Grosso

As organizações da Rota Caminhos da Agroecologia e seus municípios estão relacionados na página 24.

UMA HISTÓRIA QUE COMEÇA NA TERRA

A história do CTA começa antes de 1991. Começa com as famílias que chegaram ao Vale do Guaporé em busca de terra e que, quando a lavoura deixou de dar renda, decidiram ficar e se organizar.

De lá para cá o CTA virou lugar de curso, de experiência no lote e de encontro. Trabalha com agricultoras e agricultores familiares, povos indígenas, quilombolas, extrativistas, pescadoras e pescadores, de Comodoro a Poconé, na Amazônia, no Cerrado e no Pantanal.

"Muitos assentados, organizados no MUL, decidiram entre resistir, permanecer e enfrentar os problemas ou desistir e migrar em busca de terras nas novas fronteiras agrícolas que avançavam sobre a floresta amazônica."

JOÃO IVO PUHL • ESTUDO DOS 35 ANOS, 2026



Feira da ARPA no Assentamento Roseli Nunes, setembro de 2026. É com gente assim que o CTA trabalha há trinta e cinco anos. Foto: Comunicação do CTA.

POR QUE GUARDAR ESTA HISTÓRIA

Em trinta e cinco anos aconteceu muita coisa, mas pouca ficou no papel. O resto está na cabeça de quem viveu, em foto de gaveta e em caderno de campo espalhado.

Quem ajudou a levantar a sede já está de idade, e alguns saíram da região. Os papéis dos primeiros projetos mudaram tanto de sala que ninguém sabe direito onde foram parar. Se não juntar agora, daqui a dez anos sobra lembrança solta e nenhum documento.

Esta cartilha é um passo nesse trabalho: reúne documentos, fotografias e a memória de quem viveu essa história.

"Os materiais, em formato de revistas informativas e textos explicativos, foram fundamentais para socializar saberes, formar identidades culturais e fortalecer a pedagogia crítica."

MIRIÃ PERES SPINDULAS · PPGEDU/UNEMAT



Seminário no Centro de Formação do CTA, em Pontes e Lacerda. De encontro assim saiu muito papel que precisa ser reunido.

TRINTA E CINCO ANOS EM QUATRO TEMPOS

**1985
a 1992**

ORIGENS

Entre 1985 e 1986 a ASCCMT e a CPT visitam o vale. Em janeiro de 1987 começa o programa de educação popular da FASE-MT. Entre 1989 e 1991 a sede é construída e o prédio do Centro de Formação é inaugurado em **maio de 1991**. Em maio de 1992 nasce a Associação do CTA.

**1992
a 2014**

CONSOLIDAÇÃO

Vêm os Projetos Demonstrativos, as primeiras agroflorestas, os quintais produtivos, a criação de abelha e um jeito próprio de fazer ATER. De 2004 em diante, junto com Empaer, Indea e Incra, a assistência técnica chega aos assentamentos de Pontes e Lacerda.

**2015
a 2025**

TERRITÓRIO

O trabalho chega aos povos indígenas e às comunidades tradicionais. Em 2018 nasce a Rota Caminhos da Agroecologia. Vêm o Semeando Nossos Biomas, o Reflorestar e, em 2025, o Terra Nutre, que leva a comida das famílias para a alimentação escolar.

2026

**UM OLHAR
PARA A
FRENTE**

Aos trinta e cinco anos a pergunta é outra. Não é mais só como plantar sem veneno. É **quem vai continuar**. A agroecologia precisa chegar até os jovens do campo.



O Centro de Formação Mitio Kaku, levantado entre 1989 e 1991 em seis alqueires.

O TRABALHO EM NÚMEROS

Número não conta história sozinho. Mas serve para mostrar o tamanho do que foi feito e para cobrar o que ainda falta.

35

anos de trabalho,
de 1991 a 2026

1.200

famílias atendidas
hoje com ATER e
fomento

3

biomas: Amazônia,
Cerrado e
Pantanal

2008

ano em que o CTA
passou a ser
credenciado para
prestar ATER

Fonte: CTA, site institucional, 2026. O credenciamento é junto ao CONDRAF e ao CEDRS.

As organizações da agricultura familiar diagnóstico do Terra Nutre, 2025 e 2026

13 organizações, em 13 municípios

1.030 famílias associadas a elas

438 mulheres entre os sócios
dessas 13 organizações

42% dos sócios dessas
organizações são mulheres

48,7% da receita dessas
organizações vem do PNAE

Um contrato, por dentro: o PAA com a APAE

Pontes e Lacerda, 2026

6 famílias agricultoras fornecendo

104 alunos servidos

8.469 quilos de alimento
entregues

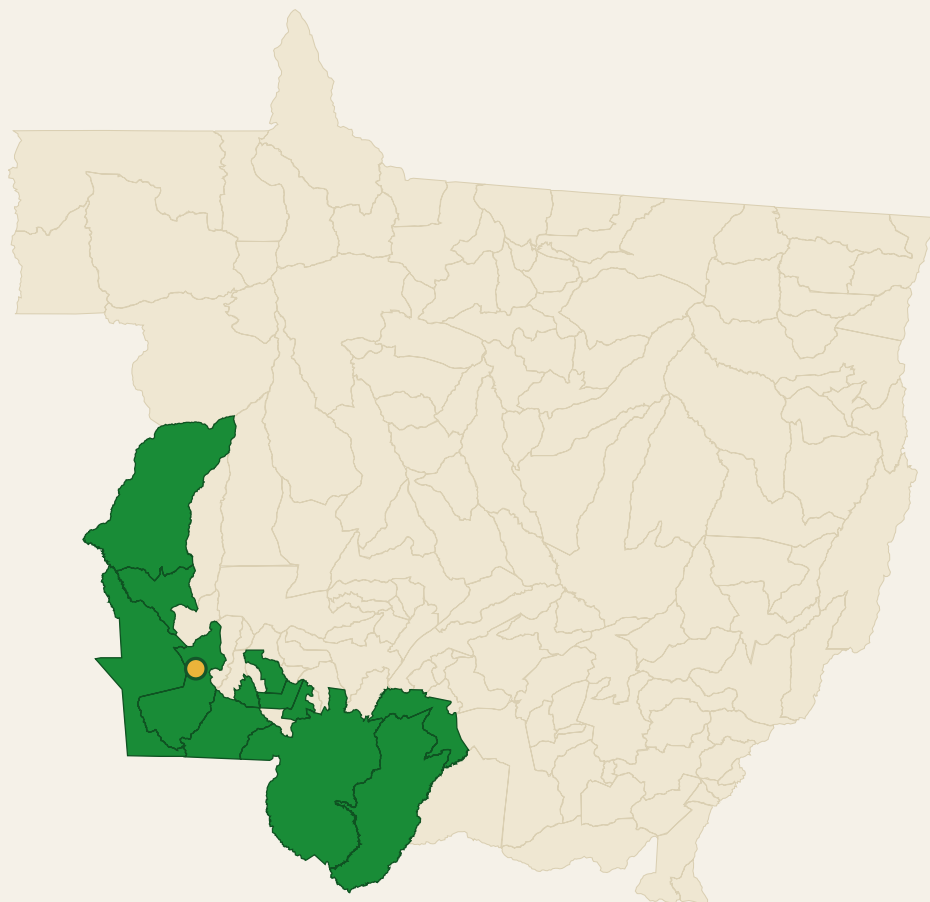
R\$ 89.997 movimentados

50% de mulheres entre quem
produziu

Fontes: Diagnóstico Integrado do Projeto Terra Nutre, CTA e ICV, 2025 e 2026. · CTA, *Toda terça-feira: como o PAA conectou seis famílias agricultoras com 104 alunos da APAE*, 26 de junho de 2026.

ONDE O TRABALHO ACONTECE

A casa fica em Pontes e Lacerda. O trabalho, não. Ele desce o vale, atravessa a Grande Cáceres e chega ao Pantanal e à baixada de Cuiabá, onde estão as organizações da rede.



■ Municípios onde estão as organizações da rede

● Sede: Centro de Formação Mitio Kaku, Pontes e Lacerda

Araputanga · Cáceres · Comodoro · Figueirópolis d'Oeste · Mirassol d'Oeste · Nossa Senhora do Livramento · Nova Lacerda · Poconé · **Pontes e Lacerda** · Porto Esperidião · São José dos Quatro Marcos · Vila Bela da Santíssima Trindade

Mapa desenhado sobre a malha municipal do IBGE. Municípios marcados a partir da relação de organizações do mapa de atuação do CTA, 2026. O CTA é credenciado para prestar ATER em todo o estado de Mato Grosso: o mapa mostra onde estão as organizações acompanhadas, não o limite da atuação.

O VALE, A CRISE E A DECISÃO DE FICAR

Entre 1960 e 1980 chegou muita família do Sul, do Sudeste e do Nordeste procurando terra no Vale do Guaporé. Ocuparam as glebas como posseiros e, aos poucos, o INCRA foi regularizando.

A terra elas conseguiram. O resto não. Estrada ruim, mercado longe e quase nenhuma assistência técnica. No fim dos anos 1980 a terra cansou, o preço do arroz e do feijão caiu, e cafezal e bananal foram virando pasto.

Seis mil famílias assentadas ou sendo regularizadas no Vale do Guaporé no começo dos anos 1990.

ANTES DA SEDE, O CAMINHO

Entre 1985 e 1986, a ASCCMT (Associação de Solidariedade às Comunidades Carentes de Mato Grosso) e a CPT (Comissão Pastoral da Terra), as duas com sede em Cuiabá, começaram a visitar o Vale do Guaporé. Conversaram com a Diocese de Cáceres, do bispo Dom Máximo Biennès, e com a paróquia de Pontes e Lacerda, do padre Luiz Tanguy.

Com o aval da Igreja, queriam conhecer de perto a agricultura familiar e os conflitos de terra da região. Essas visitas prepararam a chegada da FASE, que inaugurou sua primeira sede em Mato Grosso em janeiro de 1987, em Vila Bela da Santíssima Trindade.

No mesmo mês, a equipe da ASCCMT, com Murilo Pinto da Silva, Vilmon Alves Ferreira, Cláudia Calório e Carmela Pezzuti, passou a trabalhar como educadora popular no Programa Regional da FASE Mato Grosso.

Em 1988 veio a compra do sítio onde hoje fica o CTA, negociada por Murilo Pinto da Silva com o dono da terra, Zé de Abrão. Depois vieram a roça nova e as obras da sede, tudo em mutirão.

"Muitas pessoas do MUL (Movimento de União dos Lavradores) participavam dos mutirões tanto na roça como na construção."

JOÃO IVO PUHL · DEPOIMENTO À COMUNICAÇÃO DO CTA, 2026

Fontes: ZART e SANTOS (org.), *Educação e Sócio-Economia Solidária*, Editora Unemat, 2006. · FASE, *Mato Grosso comemora 50 anos da FASE*. · Depoimentos de Vilmon Alves Ferreira e João Ivo Puhl ao CTA, 2026.

UMA CASA CONSTRUÍDA POR MUITAS MÃOS

A saída não foi abrir escritório. Foi fazer um lugar para aprender junto. Entre 1989 e 1991, em seis alqueires a seis quilômetros de Pontes e Lacerda, agricultores e parceiros levantaram auditório, dormitórios, cozinha, refeitório e biblioteca.

O Centro abriu em maio de 1991, tocado pela FASE-MT com a coordenação do Movimento de União dos Lavradores. O cartório e o CNPJ da associação só vieram em 1992. Por isso os 35 anos contam de 1991: o centro já estava de pé.



O prédio e a placa na entrada do Centro de Formação Mitio Kaku.

QUEM FOI MITIO KAKU

Descendente de japoneses, veio de São Paulo para Pontes e Lacerda. Foi um dos primeiros posseiros da área que virou a gleba São Domingos e, com o irmão Sérgio, conseguiu lote na Máquina Queimada, onde virou lavrador e liderança do MUL. Na construção da sede foi contratado como mestre de obras: comandou as equipes do mutirão e fez ou coordenou o serviço de pedreiro, carpinteiro, encanador e eletricista. Foi sócio-fundador. Depois da sua morte precoce, a assembleia deu o nome dele ao auditório e ao Centro de Formação. Também por decisão da assembleia, o bosque de mata nativa do CTA leva o nome de Murilo Pinto da Silva.

O QUE SOBROU DOS PRIMEIROS ANOS

Estas são as fotografias mais antigas que o CTA ainda tem. Vieram de um painel de arquivo, com as legendas escritas à mão na época. São registros raros daqueles primeiros anos.



Mutirão para abertura do sítio do CTA.



Assembleia do CTA, março de 1994. A data está na placa da foto.



Primeira turma do curso de jovens no CTA, 1992.



Visita técnica ao plantio de agrofloresta no sítio do Diá.



Estagiários com o agricultor Manoel Miguel, sócio, na agrofloresta dele.



O agricultor João Paiva conversando com estagiários.



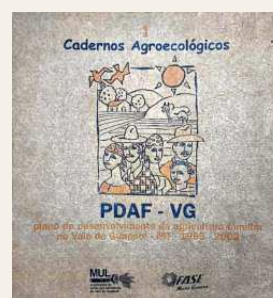
A placa de madeira da sede: "C.T.A. construído pelos trabalhadores do Vale do Guaporé".

O PAPEL QUE ENSINOU A ORGANIZAR

Antes de existir sede já existia material de formação. O Movimento de União dos Lavradores e os fundadores do CTA faziam revistas e textos simples para discutir na reunião: como se organizar, como plantar, como dividir a renda.

Um deles foi o boletim **Cacaio**, publicado de 1989 a 1995 pelo Movimento de União dos Lavradores do Vale do Guaporé, o MUL. Falava de trabalho, renda, modo de vida e produção.

Depois vieram os **Cadernos Agroecológicos**, do MUL com a FASE-MT. O primeiro trazia o PDAF, o plano da agricultura familiar do vale, nascido num seminário de março de 1995.



Caderno Agroecológico nº 1, PDAF 1999 a 2002.

Muito disso foi feito escondido, no meio das ocupações e da vigilância da polícia. Na roda sentavam camponês, técnico, educador popular, padre e liderança. O jeito era conversar: começar pelo problema que a pessoa vive e achar a saída junto.

"Mesmo em meio às dificuldades e conflitos, construíram uma identidade intercultural e tecnologias sociais voltadas às necessidades locais."

MIRIÃ PERES SPINDULAS · PPGEDU/UNEMAT

A MISSÃO E OS TRÊS PRINCÍPIOS

O CTA escreveu sua missão com todas as letras no relatório de atividades de 2016, apresentado à assembleia. A missão é apresentada a seguir com ajuste de concordância, preservando seu conteúdo.

A MISSÃO DO CTA

"Colaborar no desenvolvimento e implementação de uma agricultura, adequada às condições socioeconômicas, culturais e agroecológicas, visando diminuir os problemas, sociais e ambientais causados pelas formas habituais do processo produtivo."

OS TRÊS PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM O TRABALHO

- 1 Agroecologia.** Todo projeto do CTA busca diversificar a produção e usar os recursos naturais sem esgotá-los, para fortalecer a agricultura familiar.
- 2 Participação social.** As ações são decididas com ampla participação, e a gestão segue os preceitos da democracia. O CTA educa e forma para isso.
- 3 Igualdade.** Entre homens e mulheres, entre raças e entre gerações. Nas palavras do próprio documento: não importa se homem ou mulher, branco ou negro, indígena, pescador, assentado, posseiro, meeiro, sulista ou nordestino, jovem, adulto ou idoso.

Fonte: CTA, *Atuação do CTA: relatório de atividade realizada em 2016 e a realizar em 2017*.

O QUE NOS MOVE

Quando a associação foi registrada, em **21 de maio de 1992**, os objetivos foram escritos em cartório. Continuam valendo e explicam por que o CTA faz o que faz.

Do estatuto, os objetivos gerais: desenvolver uma agricultura sustentável e agroecológica adequada às condições do lugar; manter um centro de demonstração de técnicas agroecológicas e de educação ambiental; contribuir com quem luta pela reforma agrária; fortalecer a vida das famílias, com atenção às mulheres, aos jovens e aos idosos; manter um centro de formação; e abrir caminhos de comercialização para a agricultura familiar.

COMPROMISSOS DE QUEM SE ASSOCIA

Reunidos a partir do estatuto e do estudo de João Ivo Puhl.

- 1 Produzir sem veneno e evitar toda forma de contaminação química.
- 2 Deixar o manejo que castiga a terra e usar o que serve para o lugar.
- 3 Participar das assembleias e das decisões da casa.
- 4 Exigir transparência nas contas e na administração.
- 5 Assumir os cargos para os quais for eleito.
- 6 Zelar pelo patrimônio e pelo bom nome do CTA.
- 7 Colaborar com as atividades e com o trabalho coletivo.
- 8 Participar de outras organizações da classe trabalhadora.
- 9 Valorizar e difundir o saber dos agricultores e agricultoras.
- 10 Cuidar da casa comum e de todas as formas de vida nela.

APRENDER FAZENDO, NO LOTE DA FAMÍLIA



Nos Projetos Demonstrativos a técnica é testada no lote, junto com a família que toca o serviço.

No começo tentaram fazer da sede um sítio modelo: casa de morador, chiqueiro, galinheiro e horta. Não deu. Faltava gente para tocar, a energia era ruim e a roda d'água quebrava justo no dia do curso. E um centro que vive recebendo visita não vive como uma família na roça. O exemplo não colava.

Aí a experiência mudou de lugar. Foi para o lote de quem quis participar, em troca de assistência técnica, mudas e equipamento.

"Os produtores mais curiosos e observadores avançaram muito no manejo, porque conseguiam integrar suas lavouras anuais com a agrofloresta."

JOÃO IVO PUHL · ESTUDO DOS 35 ANOS, 2026

AS FAMÍLIAS QUE ABRIRAM O CAMINHO



Visitas às primeiras agroflorestas. À esquerda, a placa identifica uma castanheira-do-pará. Fotos do acervo do CTA.

No primeiro projeto, quinze famílias receberam e plantaram as mudas. Oito foram até o fim. Umas largaram as plantas, outras perderam a área para a seca ou para o bicho do mato, e teve quem vendesse o lote. É assim que se descobre o que aguenta e o que não aguenta.

Cinco dessas famílias mantêm até hoje sistemas com bons resultados: a de Diá (Francisco Alexandre dos Santos) e Luzia Rezende, perto do CTA; as de Manoel Miguel e de João Paiva e Leontina, na Gleba Bananal; a de Manoel Prado e Maria de Lourdes, em Vila Bela; e a de Joaquim e Maria Valdeci, em Comodoro.

"Constatou-se que, onde as mulheres assumiram mais os cuidados, os resultados foram mais consistentes."

JOÃO IVO PUHL • ESTUDO DOS 35 ANOS

AS MULHERES E OS QUINTAIS PRODUTIVOS



O quintal fica pertinho de casa. É dali que sai a comida do dia a dia.

Acompanhando as primeiras agroflorestas, a equipe reparou numa coisa: onde a mulher tomava conta, a área ia melhor. Era ela que cuidava das mudas, da comida de casa e da organização do quintal.

Daí nasceram os quintais produtivos: um pedaço perto de casa com horta, fruta, planta de remédio e criação miúda. Entraram em quase todo projeto depois disso. É o quintal que põe comida na mesa todo dia, e é dele que sai o dinheiro que fica na mão da mulher.

ABELHAS, CADERNO DE CAMPO E CONVERSA



Florada nativa. Sem flor o ano todo e com veneno por perto, a abelha não para. A abelha entrou como renda extra e virou aula de educação ambiental. Para criar abelha precisa de flor o ano todo, mata em pé, água por perto e nada de veneno. O CTA dava a roupa de proteção, a cera e as caixas para pegar as primeiras colmeias.

Na assistência técnica a regra nunca mudou: conversar com a família toda, combinar quem faz o quê, anotar no caderno de campo e voltar para ver o resultado. Anotar é o que faz a diferença. Sem caderno, ninguém lembra o que deu certo no ano passado.

"Quem cria abelhas aprende a defender a natureza, porque a atividade não sobrevive sem ela."

JOÃO IVO PUHL · ESTUDO DOS 35 ANOS, 2026



Feira da ARPA no Assentamento Roseli Nunes, setembro de 2026 · Foto: Comunicação do CTA

COMIDA DE VERDADE

Produzir bem não garante renda. Isso os primeiros levantamentos já diziam. Faltava para quem vender, e por que preço.

Resolver isso levou trinta anos e três invenções: um escritório de negócios, uma rota que liga a roça à cidade e, por último, uma cooperativa. As três nasceram dentro do CTA e hoje andam com as próprias pernas.

A conta que move este capítulo: **quem não vende, não fica.** Sem renda, a roça não segura ninguém, e o lote acaba vendido.

A ROTA CAMINHOS DA AGROECOLOGIA

A Rota ganhou esse nome em 2018. Antes já era um jeito de trabalhar: reunir o que cada grupo tem para vender, montar a carga e levar. Quem organizou foi o escritório de negócios do CTA, com apoio do Fundo Amazônia.

A coordenação da Rota é formada por várias organizações da agricultura familiar. Entre elas estão o **CTA**, em Pontes e Lacerda; a **ARPA**, no Assentamento Roseli Nunes, em Mirassol d'Oeste; a **Agriverde**, da comunidade quilombola Capão Verde, em Poconé; o **Grupo de Jovens Muxirum**; e a **Coopervales**, criada em 2022 para tocar o eixo da comercialização. A **FASE-MT** faz a assessoria e o acompanhamento da formação e do planejamento das ações da Rota.

A oferta de todo mundo é reunida num sistema chamado **Balaio**. Nas palavras da própria Rota, a missão dele é "focar sobre onde está a produção" da rede. É por ele que se sabe quem tem o quê, e quando.

O caminhão sai carregado com a produção de várias comunidades e abastece os mercados institucionais da Rota. **É a mesma carga que abastece feira, cesta e alimentação escolar.**

Fontes: Rota Caminhos da Agroecologia, site oficial. · CTA, linha do tempo institucional. · Fundo Amazônia, projeto Cadeias de Valor da Agricultura Familiar em Mato Grosso.

O TAMANHO DA ROTA

Há dois levantamentos dos números da Rota, feitos em momentos diferentes. Os dois aparecem aqui, cada um com a sua data.

O que a Rota informa

site da Rota, janeiro de 2025

96 comunidades e assentamentos

26 organizações na rede

160 grupos produtivos

1.200 famílias envolvidas

15 municípios, de Cuiabá a Comodoro

O que o CTA informou

seminário, abril de 2024

90 grupos produtivos

1.270 famílias atendidas

19 municípios

200 escolas pelo PNAE, em 14 municípios

50 mil alunos alcançados

As duas listas medem coisas diferentes: **uma mostra a rede inteira, a outra mostra o que o CTA acompanha.**

Em 2022 a Rota comercializou **125 toneladas** de alimento, no valor de **R\$ 4,2 milhões**.

Fontes: Rota Caminhos da Agroecologia, site oficial, atualizado em 30 de janeiro de 2025. • FASE Mato Grosso, *Seminário destaca comercialização de produtos e preservação da Amazônia*, abril de 2024, com dados do CTA.

ORGANIZAÇÕES RELACIONADAS NO LEVANTAMENTO DE 2026

A Rota não é uma empresa com filiais. É um acordo entre associações e cooperativas que continuam donas do que produzem. Abaixo, as organizações do levantamento de 2026 e os sócios que cada uma informa. A lista não esgota a Rota.

COOPERMAF Comodoro	151	Assoc. de Jovens Indígenas Nambikwaras Comodoro	65
ASPRUVAB — Vale do Bugre Araputanga	54	Acorquirim N. Sra. do Livramento	48
AMAFAP Cáceres	40	CTA Pontes e Lacerda	38
COOPERVELES Pontes e Lacerda	37	ARPEP Mirassol d'Oeste e Cáceres	31
ARPA Mirassol d'Oeste	30	AJOIMA — Jovens Indígenas Mamaindê Comodoro	30
Assoc. Morrinhos Poconé	30	Coop. de Produção Agroecológica do Sudoeste Mirassol d'Oeste e região	28
COOPERSOL — Consumidores Solidários Cáceres	25	Assoc. Niorch Haukina Porto Esperidião e Vila Bela	23
APIC — Assoc. Indígena Chiquitana Porto Esperidião e Vila Bela	21	Assoc. N. Sra. Aparecida — Bocaina Vila Bela da SS Trindade	17
AGRIVERDE Poconé	16	Assoc. Portense de Apicultores Porto Esperidião	15
Assoc. São Manoel do Pari e Aguaçu Monjolo N. Sra. do Livramento	12	Assoc. São Pedro Figueirópolis d'Oeste	12
ASPAJO — PA São José Nova Lacerda	12	Assoc. Mãe Terra São José dos Quatro Marcos	11
Assoc. das Mulheres do Chumbo Poconé	10	Assoc. Jejum Poconé	7

Somando o que cada organização informa, chega-se a **763 sócios e sócias**, que podem se repetir entre organizações. São associações de agricultura familiar, de juventude indígena, de mulheres extrativistas, de comunidades quilombolas e uma cooperativa de consumidores na cidade.

Fonte: relação de grupos da Rota, compilada no mapa de atuação do CTA (2026). ARPA, AMAFAP, COOPERMAF e ASPRUVAB: diagnóstico do Terra Nutre (2025 e 2026). Em janeiro de 2025, o site da Rota informava 26 organizações (página 23).

DO QUINTAL À PRATELEIRA: O ENAFES

Em 2004 a Central das Associações acabou e ficou um buraco na hora de vender. O CTA foi tapando esse buraco, e a assembleia botou a comercialização como meta. Dessa caminhada o CTA criou o **ENAFES**, o escritório de negócios da agricultura familiar.

O escritório está ligado ao projeto Semeando Amazônia Sustentável, apoiado pelo Fundo Amazônia e pelo BNDES. Foi ele que montou a Rota. Hoje toca feira, venda pela internet e no balcão, e ajuda a organizar a compra de alimento da CONAB em Mato Grosso.

Foi por aí que nasceu a marca **Sabor dos Vales**, com rótulo e código de barras para dezesseis tipos de polpa de fruta e para o mel das famílias.

Fonte: Fundo Amazônia, relatório do projeto Cadeias de Valor da Agricultura Familiar em Mato Grosso, executado pelo CTA.

"Ao construir o caminho de comercialização de dentro para fora, as comunidades apropriam-se da logística e do mercado, invertendo a lógica tradicional onde o produtor é apenas um fornecedor passivo."

ZART, SPINDULAS, LEITE E SANTOS · COMERCIALIZAÇÃO SOLIDÁRIA



Mel e Sabor dos Vales na feira da ARPA, Roseli Nunes, setembro de 2026. Foto: Comunicação do CTA.

A COOPERVALES E A DIVISÃO DO TRABALHO

Vender direito pede contrato, nota, selo sanitário e contabilidade em dia. Outro mundo, longe do curso e da luta. Por isso nasceu a **Coopervales**, Cooperativa de Agricultura Familiar e Economia Solidária dos Vales Matogrossenses.

A divisão ficou clara: o CTA segue com a educação, com a assistência técnica agroecológica que fortalece o eixo da produção, com a formação e com a organização dos camponeses, que é o que faz desde 1991. A cooperativa cuida da venda e dos contratos. Ela nasceu, nas palavras da própria Rota, "em função da necessidade de um instrumento qualificado para articular mercados".

Como cooperativa fica mais fácil tirar selo sanitário e dar conta da papelada do orgânico. Hoje faz parte da coordenação da Rota, responde pelas feiras e leva a marca **Sabor dos Vales**.

"A soberania alimentar e a dignidade do trabalho camponês não são concessões, mas conquistas da organização coletiva."

ZART, SPINDULAS, LEITE E SANTOS · COMERCIALIZAÇÃO SOLIDÁRIA



Banana, mamão e limão na feira da ARPA, Assentamento Roseli Nunes, setembro de 2026. Foto: Comunicação do CTA.

Fonte: Rota Caminhos da Agroecologia, ficha da Coopervales.

POVOS E TERRITÓRIOS



O pilão de farinha e a colheita no Cerrado. Modos de vida que os projetos passaram a respeitar.

Nos últimos vinte anos o trabalho se abriu para povos indígenas, quilombolas, extrativistas, pescadoras e pescadores e famílias assentadas da reforma agrária. É a mesma ideia de 1991: ficar do lado de quem sempre ficou de fora.

Cada projeto passou a começar pelo que o lugar é. Quem vive de pescar no Pantanal não produz como quem colhe no Cerrado, e nenhum dos dois trabalha como quem planta na Amazônia. Isso mudou o jeito de montar o trabalho.

O CTA trabalha em **três biomas**: Amazônia, Cerrado e Pantanal. Em cada um o solo, a época de plantar e o modo de viver são diferentes.



OS POVOS ORIGINÁRIOS

Antes de existir Vale do Guaporé já tinha gente aqui. O CTA chegou muito depois. Trabalhar com os povos indígenas não é projeto novo. É reconhecer quem já estava.

Hoje o CTA faz assistência técnica em terra indígena de dois povos aqui do sudoeste: os **Chiquitanos**, em Porto Esperidião, e os **Nambikwara**, no cerrado de Comodoro.

A regra é simples e não muda: **é o CTA que vai até a aldeia**. O que se planta, o que se filma e o que se publica, quem decide é a comunidade.

CHIQUITANOS DO PORTAL DO ENCANTADO



Aldeias Acorizal e Fazendinha. A muda do projeto entra no meio da roça da família. Na Terra Indígena Portal do Encantado, em Porto Esperidião, vivem os Chiquitanos. O trabalho do CTA ali não é de agora: já em 2016 a equipe assessorava um projeto de PAA numa aldeia do município. De 2022 a 2024, essas famílias foram atendidas pelo projeto Reflorestar, com apoio da HEKS/EPER Brasil e da Misereor (página 34). Hoje o CTA segue com as mesmas **20 famílias**, nas mesmas áreas das aldeias Acorizal e Fazendinha, pelas fases I e II do projeto Restauração e Agroecologia na Cabeceira do Pantanal, com o WWF-Brasil.

O trabalho é ir de área em área: ver como a planta está indo, medir o caule, olhar doença e bicho, ensinar poda. Sete famílias já têm agrofloresta bem cuidada, com banana, abacaxi, mandioca, horta e nativa junto com frutífera.

A seca e a formiga cortadeira levaram, em média, **60 de cada 100 mudas**, sobretudo as distribuídas em 2023/24, de pouca chuva. As de 2024/25 pegaram melhor, porque choveu mais. Está tudo anotado: é assim que se aprende.

Fonte: CTA, *Relatório de monitoramento do Portal do Encantado*, julho de 2025. Técnico: Vilmon Alves Ferreira.

O QUE A ROÇA INDÍGENA GUARDA

Em 2026, pelo Terra Nutre, o CTA foi de aldeia em aldeia perguntar o que cada povo planta, colhe, pesca e come. Foram **24 comunidades indígenas** ouvidas, quatro delas pelo CTA.

15 roças na Fazendinha Chiquitano	26 roças em Acorizal Chiquitano	25 roças na Aldeia Davi Nambikwara	20 roças em Capitão Pedro Mamaindê
--	--	---	--

Os números vieram das próprias lideranças e surpreendem quem acha que na aldeia se planta pouco. Só na Aldeia Davi são uns **50 mil pés de pequi**, 60 mil de mandioca e 20 mil de mangaba, fora bacaba, buriti e cajuzinho. Em Acorizal, 50 mil pés de mandioca e 40 mil de banana da terra.

Apareceu também o que já se perdeu. Na Aldeia Davi ninguém planta mais inhame, cará, feijão fava, milho fofo e amendoim: **a semente acabou**. Guardar semente é guardar comida.

Quando perguntamos o que o projeto devia fazer primeiro, a resposta foi a mesma nas quatro aldeias: **assistência técnica, água para a roça e lugar para guardar a colheita**.

Fonte: CTA/ICV/ISA, *Diagnóstico da produção indígena do Terra Nutre*, 2026.

NAMBIKWARA: A FESTA QUE A JUVENTUDE TROUXE DE VOLTA



Terra Indígena Nambikwara do Cerrado, Comodoro, julho de 2026.

O que uma geração sabe só continua se a outra aprender.

Foto: Comunicação do CTA.

O povo Nambikwara do cerrado se organiza em três linhas: **Kinthaulu**, **Central Camarare** e **Cargil**. O CTA chegou nas aldeias pelo Terra Nutre, para tratar de roça e alimentação escolar, e encontrou uma coisa maior acontecendo: a juventude reorganizando a Festa de Pajelança, o ritual de cura e proteção que o pajé conduz.

De lá para cá o trabalho anda junto. A comunicação do CTA grava só o que a comunidade autoriza, e a formação em audiovisual acontece dentro da aldeia, no celular dos próprios jovens. Todo o material gravado fica com o povo.

Nada vai para fora sem a comunidade ver antes. A primeira exibição do documentário vai ser **na própria aldeia**, com projetor, para o povo Nambikwara. Só depois vai para a internet.

A LÍNGUA, O COCAR E A ROÇA



Aldeias do cerrado de Comodoro. À direita, o beiju, feito da mandioca da roça. É comida e é memória ao mesmo tempo.

No documentário que está sendo gravado, cada liderança fala duas vezes: primeiro na língua nambikwara e depois em português, traduzindo a própria fala. Não é legenda nem dublagem. É a liderança levando quem assiste para dentro da língua.

Esse cuidado vale para tudo. O nome do povo, das aldeias e das linhas é escrito como **eles** escrevem. Com a comida é igual: chicha, beiju, carne muquiada e mingau de polvilho não são só receita, são quem eles são. Levar a produção da aldeia para a alimentação escolar só faz sentido se isso for respeitado.

Todo o material gravado na aldeia, vídeo, som e foto, é entregue por inteiro para a comunidade. **A imagem do povo pertence ao povo.**

O Terra Nutre é executado pelo ICV, com o CTA, o ISA e outros parceiros. Iniciativa Amazônia na Escola: Fundo Amazônia/BNDES, FNDE, MMA, MDS e MDA.

SEMEANDO NOSSOS BIOMAS

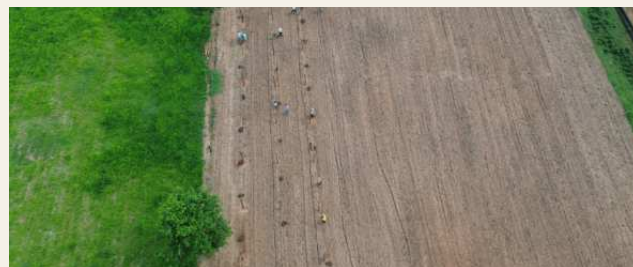


Plantio novo em área de recuperação. O projeto chega em muito município sem soltar a mão de cada comunidade.

Feito dentro do Programa REM Mato Grosso, o projeto fortalece a produção e a venda nos três biomas. Junta apoio à agricultura familiar e aos povos tradicionais, plantio de agrofloresta e quintal, mais lugar para vender, recuperação de área gasta e comida na mesa.

O projeto respondeu a uma pergunta velha: dá para trabalhar no estado inteiro sem soltar a mão da comunidade? Deu, usando o mesmo jeito criado nos Projetos Demonstrativos, só que num território bem maior.

REFLORESTAR



O viveiro do CTA e a área pronta para o plantio. Da semente para a muda, e da muda para o chão.

O Reflorestar, nome curto do projeto *Promovendo reflorestamento e agroextrativismo no Sudoeste de Mato Grosso*, teve apoio da HEKS/EPER Brasil e da Misereor de 2022 a 2024. Recuperou área gasta e ajudou a tirar renda da floresta em pé: plantio em volta da nascente, muda no viveiro e agrofloresta.

O viveiro está com o CTA desde o começo, quando saíram dele as mudas das primeiras agroflorestas. Hoje abastece também viveiro de comunidade, junto com a FASE-MT.

Foi por esse projeto que a muda chegou às aldeias Chiquitanas do Portal do Encantado, onde vinte famílias plantam frutífera e nativa dentro da própria roça. Também levou agrofloresta para a agricultura familiar de Mirassol d'Oeste, Figueirópolis d'Oeste e Araputanga. No Portal, o trabalho segue com o WWF-Brasil (página 29).

Muda entregue não é serviço acabado. A equipe volta na área para medir crescimento, olhar praga e ensinar poda. E anota tudo, porque é assim que se aprende **o que pega e o que não pega** em cada terra.

TERRA NUTRE



Feira da ARPA no Assentamento Roseli Nunes, setembro de 2026. A mesma comida que chega na feira chega na alimentação escolar. Foto: Comunicação do CTA.

Contratado em setembro de 2025, o Terra Nutre é o maior projeto de agora: **quase 48 milhões de reais** do Fundo Amazônia, em 16 municípios de Mato Grosso, até setembro de 2029. Faz parte da iniciativa Amazônia na Escola e liga duas pontas: ajudar a agricultura familiar, indígena e quilombola a produzir, e comprar essa comida para a alimentação escolar da rede pública.

O CTA responde por Porto Esperidião, Vila Bela da Santíssima Trindade, Mirassol d'Oeste, Poconé e Nossa Senhora do Livramento, onde fica o Quilombo Mata Cavalo. Junto às Diretorias Regionais de Educação, atende ainda Pontes e Lacerda e Comodoro, alcançando as Terras Indígenas Pirineus de Souza, Vale do Guaporé e Nambikwara.

O Terra Nutre fecha um ciclo de 35 anos. A comida que as famílias aprenderam a plantar sem veneno chega no prato da criança na escola.

A ESCOLA VAI AO CENTRO DE FORMAÇÃO



Criançada plantando no centro de formação, aprendendo de onde vem a comida. O CTA nasceu para formar gente, e nos últimos anos chegou nas crianças. Escola, aluno e professor vêm até o centro para ver de perto a horta, a agrofloresta e o viveiro de mudas, e para conversar sobre comer bem. Muita criança descobre ali de onde vem a comida que chega em casa.

O estatuto do CTA prevê, desde 1992, **cursos de educação no campo para filhos e filhas de agricultores familiares** da região.

CUIDAR HOJE PARA TER AMANHÃ



A semente nativa na mão e a água guardada no terreno.

Agroecologia não é só técnica de plantio. É um jeito de olhar o lugar onde a gente vive. Quem entra nesse caminho repara na mata que segura a nascente, na abelha que precisa de flor o ano todo e na terra que responde quando é bem tratada.

Isso não se aprende só em cartilha. Aprende fazendo: no dia de campo, na conversa dentro do lote e no resultado que a família vê com os próprios olhos.

"Assumi um compromisso pessoal e coletivo de investir sua vida produtiva na construção de um modo de conviver cuidadosamente com todos os seres vivos da casa comum que é o planeta Terra."

JOÃO IVO PUHL • ESTUDO DOS 35 ANOS, 2026

É esse cuidado que precisa continuar. Com a mata, com a água, com a semente e com quem vem depois.

QUEM VAI CONTINUAR

Depois de trinta e cinco anos, a pergunta mais difícil não é de técnica. É simples e dura: quando o pai e a mãe cansarem, quem vai tocar o lote? Cada vez menos jovem quer ficar. Muitos saem para estudar ou trabalhar na cidade e não voltam.

Isso não se resolve com discurso. Se a roça não dá dinheiro, não segura ninguém. Por isso a venda, a agroindústria e a compra pública não são assunto separado da juventude. São o que faz dar para ficar.

A outra metade é a formação. O estatuto já previa, desde 1992, curso de educação no campo para os filhos dos agricultores. A visita de escola, o dia de campo e o mutirão são o começo desse caminho.

"A proposta de construir uma ecologia de saberes dentro da sociobiodiversidade, tratando a formação e a transformação como bases da sobrevivência."

MIRIÃ PERES SPINDULAS • PPGEDU/UNEMAT



Oficina de restauração florestal.

A CULTURA DO CAMPO SE APRENDE FAZENDO

João Ivo Puhl escreveu para esta cartilha sobre a juventude e a sucessão na roça. Os trechos abaixo são palavras dele.

"A cultura camponesa se aprende ao fazer agricultura. Assim as crianças e jovens aprendem acompanhando os pais nos trabalhos de cuidado na casa, no quintal, na horta, na roça, na pastagem ou na mata, fazendo as mesmas atividades."

"Nos projetos demonstrativos do CTA chegou-se à conclusão de que os projetos onde as mulheres eram protagonistas obtiveram mais resultados positivos pelos cuidados cotidianos sistemáticos que elas fazem."

"Quando uma geração camponesa envelhece a outra já foi preparada na família para sucedê-la. Porém, muitas vezes, hoje se rompem as relações familiares no campo e os jovens por múltiplas razões não fazem mais a sucessão dos seus pais na agricultura."

"Já virou slogan: sem mulheres e jovens no campo, não há agroecologia."

JOÃO IVO PUHL · DEPOIMENTO ESCRITO AO CTA, 2026

VOZES DOS 35 ANOS

Esta história tem nome e sobrenome. Aqui estão algumas das pessoas que ajudaram a levantar o CTA e a manter de pé.

SÁGUIO MOREIRA SANTOS

Sócio-fundador do CTA e presidente da Coopervales. Sua história liga as duas pontas: a fundação, em 1992, e a comercialização de hoje.

JOÃO IVO PUHL

Historiador, professor aposentado da UNEMAT, ex-integrante da FASE-MT e sócio-fundador da associação. Autor do estudo que embasa a cartilha.

VILMON ALVES FERREIRA

Fez parte do coletivo da ASCCMT de 1984 a 1986, nas conversas com a Diocese de Cáceres e a paróquia de Pontes e Lacerda que prepararam o programa de educação popular da FASE-MT, iniciado em janeiro de 1987. Participou da construção e da fundação do CTA, do qual hoje é presidente.

MURILO PINTO DA SILVA EM MEMÓRIA

Fez parte do coletivo da ASCCMT de 1984 a 1986. Coordenou a implantação do programa de educação popular da FASE-MT no Vale do Guaporé e a FASE-MT de 1987 a 1990. Grande incentivador da criação do CTA, ajudou a negociar a compra do sítio em 1988.

CARMELA PEZZUTI EM MEMÓRIA

Mãe de Murilo. Fez parte do coletivo da ASCCMT em 1986 e da primeira equipe da FASE-MT como educadora popular, de 1987 a 1990.

VOZES DOS 35 ANOS

CLÁUDIA MARIA CALÓRIO

Fez parte do coletivo da ASCCMT de 1985 a 1986 e ajudou na implantação do programa da FASE Mato Grosso no Vale do Guaporé, em 1986 e 1987. Integrou a primeira equipe da FASE-MT como educadora popular.

VICENTE JOSÉ PUHL

Educador popular da equipe da FASE-MT desde 1988. Guarda a memória das origens e do pensamento coletivo que construiu o CTA.

LEONEL WOHLFAHRT

Equipe técnica da FASE-MT que conduziu o trabalho nos primeiros anos.

FÁTIMA APARECIDA GARCIA DE MOURA

Coordenou a primeira equipe técnica do CTA, que começou a implantar os sistemas agroflorestais na região a partir de 1993.

JAMES FRANK CABRAL

Fez parte da equipe técnica do CTA de 1997 a 2000, com a missão da ATER agroecológica no Vale do Guaporé.

FAMÍLIAS PIONEIRAS

Francisco Alexandre dos Santos (Diá) e Luzia Rezende, Manoel Miguel, João Paiva e Leontina, Manoel Prado e Maria de Lourdes, Joaquim e Maria Valdeci, e outras que fizeram os primeiros SAFs.

Na construção do centro também estiveram técnicos da FASE-MT e professores de agronomia da UFMT: **Maria Cristina Urnau, Bela Wohlfahrt, Devaina Leite Mendes, William César Sampaio, Rodrigo Aleixo e Carlos Castro.**

NADA FOI FEITO SOZINHO



Seminário e encontro foram construindo, ano após ano, a rede que segura o trabalho. A história do CTA é trabalho de muita gente junta. Ao lado das comunidades, associações, cooperativas, grupos de mulheres, povos indígenas e quilombolas, o CTA somou força com instituições que ajudaram a chegar mais longe.

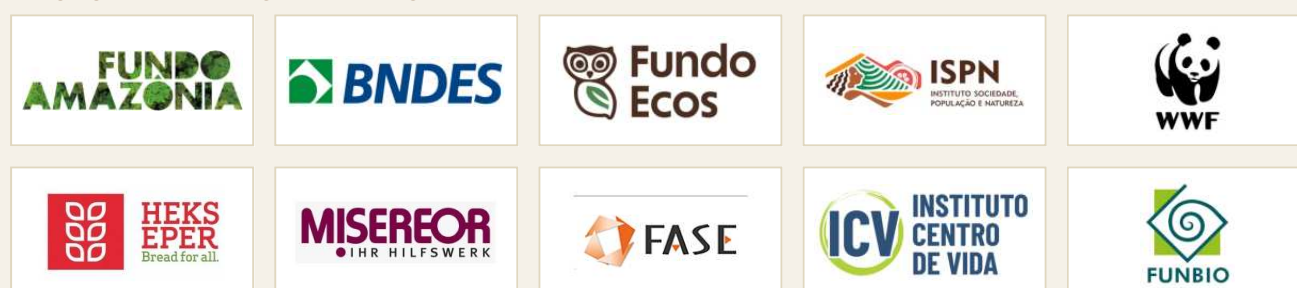
FASE · MOVIMENTO DE UNIÃO DOS LAVRADORES · GIAS · PÃO PARA O MUNDO · REDE CERRADO · UNEMAT · UFMT · FORMAD · REM MATO GROSSO · FUNDO AMAZÔNIA · FUNBIO · HEKS/EPER · MISEREOR · ICV · ISA · CENTRAL DO CERRADO · ROTA CAMINHOS DA AGROECOLOGIA

As marcas de cada parceiro e financiador estão na página seguinte.

QUEM BANCA E QUEM CAMINHA JUNTO

Nenhum projeto do CTA se pagou sozinho. Cada curso, cada muda, cada caminhão de feira teve alguém financiando, e teve universidade, governo e rede do lado. Esta página é a prestação de contas mais simples que existe: dizer os nomes.

APOIO E FINANCIAMENTO



GOVERNO E POLÍTICAS PÚBLICAS



UNIVERSIDADES, PESQUISA E REDES



PROJETOS E ORGANIZAÇÕES DA REDE



Fonte: CTA, página de parceiros do site institucional, 2026. As marcas pertencem a cada instituição e aparecem aqui em reconhecimento à parceria.



EM MEMÓRIA

QUEM PLANTOU E NÃO VIU A SOMBRA

Muita gente que ajudou a levantar o CTA não está mais aqui. Subiram parede, abriram estrada, cederam o lote para a primeira experiência, foram na reunião debaixo de chuva e assinaram a ata quando a associação nasceu.

Nenhuma delas viu o pequizeiro que plantou dar fruto no tamanho de hoje. O CTA existe porque elas ficaram.

SÓCIOS DO CTA

ELIEL PEREIRA DE MELO
JOÃO ANANIAS PAIVA
JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS
MITIO KAKU
SEBASTIÃO RODRIGUES DE LIMA

E a todas e todos que ajudaram a construir o CTA e já partiram.

O QUE VEM PELA FRENTE

Os problemas que fizeram o CTA nascer continuam de pé, só que com outra cara. A seca aperta mais a cada ano e bagunça a época de plantar. A pressão em cima da mata e da água aumenta. O jovem sai do campo e fica a dúvida de quem vai tocar o lote.

Ao mesmo tempo abriu caminho onde antes não tinha: a compra de comida pelo poder público, a recuperação de área gasta e a agroecologia aceita como resposta para o clima. Levar isso para os jovens é o trabalho dos próximos anos.

Trinta e cinco anos depois, a tarefa é a mesma que juntou as primeiras famílias: dar condição para quem quer ficar na terra.

DE ONDE VEM O QUE ESTÁ ESCRITO AQUI

Estudos, documentos e depoimentos que deram base a esta cartilha.

ESTUDO HISTÓRICO

PUHL, João Ivo. *Transição agroecológica no sudoeste de Mato Grosso nos 35 anos de ação do CTA*. Pontes e Lacerda, 2026.

HISTÓRIA DA FASE E DO MUL

ZART, Laudemir Luiz; SANTOS, Josivaldo Constantino dos (org.). *Educação e Sócio-Economia Solidária*. Série Sociedade Solidária, v. 2. Cáceres: Editora Unemat, 2006. · FASE, *Mato Grosso comemora 50 anos da FASE*, fase.org.br.

CADERNOS AGROECOLÓGICOS

MUL. *PDAF-VG: plano de desenvolvimento da agricultura familiar no Vale do Guaporé, MT, 1999 a 2002*. Cadernos Agroecológicos, nº 1. Texto de João Ivo Puhl. Assessoria FASE-MT. Apoio Misereor e Pão para o Mundo.

EDUCAÇÃO POPULAR

SPINDULAS, Miriã Peres; ZART, Laudemir Luiz; SILVA, Lucas Mateus F. *Materiais formativos problematizadores do Centro de Tecnologia Alternativa*. PPGEdu, UNEMAT, 2023 e 2024.

COMERCIALIZAÇÃO

ZART, Laudemir Luiz; SPINDULAS, Miriã Peres; LEITE, Rosane Maria Rup; SANTOS, Ságuio Moreira. *Comercialização solidária: complexo organizacional do Centro de Tecnologias Alternativas*. Relato de experiência. Texto original no acervo do CTA, sem dados de publicação.

DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS

Estatuto Social da Associação do CTA, fundada em 21 de maio de 1992. · Boletim *Cacaio*, Movimento de União dos Lavradores do Vale do Guaporé (MUL), 1989 a 1995.

DEPOIMENTOS ESCRITOS

PUHL, João Ivo. Depoimento escrito ao CTA, 2026. · FERREIRA, Vilmon Alves. Depoimento escrito ao CTA, 2026.

A ROTA E A COMERCIALIZAÇÃO

ROTA CAMINHOS DA AGROECOLOGIA. Site oficial, atualizado em 30 de janeiro de 2025. · FASE Mato Grosso, *Seminário destaca comercialização de produtos e preservação da Amazônia*, 2024. · FUNDO AMAZÔNIA, *Cadeias de Valor da Agricultura Familiar no Estado de Mato Grosso*, executado pelo CTA, 2014 a 2023.

DOCUMENTOS INTERNOS DO CTA

Atuação do CTA: relatório de atividade realizada em 2016 e a realizar em 2017. · *Relatório de monitoramento do Portal do Encantado*, julho de 2025. · *Diagnóstico da produção indígena do Terra Nutre*, 2026. · *Roteiro do documentário Nambikwara*, julho de 2026.

PROJETOS E POLÍTICAS

FUNDO AMAZÔNIA, *Projeto Terra Nutre*, 2025 a 2029. · Programa REM Mato Grosso, *Semeando Nossos Biomas*. · Lei 11.947/2009 e Lei 15.226/2025, que elevou para 45% a compra da agricultura familiar no PNAE.

FOTOGRAFIAS

Acervo do CTA. Históricas de 1992 a 1994: álbum do site antigo. Feira (pg 5, 21, 25, 26 e 35): feira da ARPA no Assentamento Roseli Nunes, 11 de setembro de 2026, Comunicação do CTA.

QUEM FEZ ESTA CARTILHA

REALIZAÇÃO

CTA · Centro de Tecnologia Alternativa do Vale do Guaporé

DIRETORIA DO CTA

Vilmon Alves Ferreira, presidente · Miriã Peres Spindulas, secretária · Ronaldo Adriano Faria, tesoureiro

REDAÇÃO

João Ivo Puhl · Miriã Peres Spindulas

ORGANIZAÇÃO, PESQUISA E EDIÇÃO

Vilmon Alves Ferreira (Diretoria) e Setor de Comunicação do CTA (Gabriel Spindulas Ferreira)

DEPOIMENTOS

João Ivo Puhl · Vilmon Alves Ferreira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Setor de Comunicação do CTA

FOTOGRAFIA

Acervo do Centro de Tecnologia Alternativa. As imagens do capítulo 07 foram feitas nas aldeias com autorização das lideranças, e o material bruto foi devolvido às comunidades.

COMO CITAR

CENTRO DE TECNOLOGIA ALTERNATIVA DO VALE DO GUAPORÉ. *Semear e Permanecer: 35 anos do CTA, 1991 a 2026*. Redação de João Ivo Puhl e Miriã Peres Spindulas. Pontes e Lacerda: CTA, 2026.

PARA FECHAR

DE ONDE VIEMOS, O QUE FICA

Da primeira muda no viveiro até a comida que chega na escola, esta é a história de quem escolheu ficar e plantar. O Vale do Guaporé colhe o que essa gente semeou.



35 ANOS

1991 - 2026

CENTRO DE TECNOLOGIA ALTERNATIVA - CTA

VALE DO GUAPORÉ - MT

A HISTÓRIA EM QUATRO TEMPOS

Origens, 1985 a 1992 · Consolidação, 1992 a 2014 · Território, 2015 a 2025 · Um olhar para a frente, 2026

FONTE PRINCIPAL

João Ivo Puhl. *Transição agroecológica no sudoeste de Mato Grosso nos 35 anos de ação do CTA*. Pontes e Lacerda, 2026.

CONTATO

ctamt@ctamt.org.br · BR-174b, Km 05, Comunidade do Cataco, Pontes e Lacerda, Mato Grosso.

1991 · 2026

Centro de Tecnologia Alternativa do Vale do Guaporé



CENTRO DE
TECNOLOGIA
ALTERNATIVA - CTA
VALE DO GUAPORÉ - MT